

INTRODUÇÃO

O Boletim Regional Mulher 2009, comemorativo do dia das mulheres, apresenta os principais indicadores do mercado de trabalho na RMBH no comparativo entre 2007 e 2008, a partir dos resultados da PED/RMBH. Em seguida, faz uma análise do perfil das famílias na população economicamente ativa da região, considerando as informações coletadas no biênio 2007-2008.

A INSERÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO EM 2008 - PRINCIPAIS RESULTADOS

As mulheres mantêm inserção elevada no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). No entanto, a sua taxa de participação, que é a razão entre a população economicamente ativa (PEA) e a população total acima de 10 anos e mais (população em idade ativa – PIA), apresentou redução percentual de 1,1%, em 2008 ante 2007, ao passar de 54,1%, para 53,5%, o que é explicado pelo crescimento da PIA em maior proporção que a PEA. Entre os homens, esse indicador permanece relativamente estável desde 2006, oscilando de 68,5% para 68,7%.

Tanto a taxa de desemprego total feminina quanto a masculina diminuíram pelo quinto ano consecutivo, sendo que a queda referente ao indicador feminino foi mais intensa neste último ano. A taxa de desemprego retraiu-se em 20,1% entre as mulheres, ao passar de 15,9%, em 2007, para 12,7%, em 2008, enquanto que entre os homens a queda foi de 19,1% (de 8,9% para 7,2%). Os declínios das taxas de desemprego femininas e masculinas devem-se ao aumento do nível ocupacional em maior proporção relativamente ao ingresso de mulheres e homens no mercado de trabalho, respectivamente.

O nível ocupacional entre as mulheres cresceu 6,2%, entre 2007 e 2008, enquanto que entre os homens a variação foi de 4,1%. Verifica-se aumento das vagas preenchidas por mulheres em detrimento dos homens, elevando a participação de 45,2% do total de ocupados, em 2006, para 45,8%, em 2008. As mulheres elevaram sua participação nos setores de serviços e comércio ao passo que os homens tiveram aumento no setor industrial e construção civil.

O rendimento médio real por hora trabalhada das mulheres elevou-se de R\$ 5,25 para R\$ 5,47, de 2007 para 2008, o que corresponde a uma variação de 4,2%. Não obstante, o dos homens variou 7,8%, passando para R\$ 7,29, o que fez com que o rendimento real por hora feminino equivalesse a 74,9% do masculino.

**TABELA 1 – POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA, SEGUNDO CONDIÇÃO DE ATIVIDADE
REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007-2008**

CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	2007			2008			VARIACÕES ABSOLUTAS (Em mil pessoas)		
	Total	homens	mulheres	Total	homens	mulheres	Total	homens	mulheres
População em idade ativa	4.210	1.966	2.244	4.325	2.011	2.314	115	45	70
População economicamente ativa	2.564	1.351	1.213	2.621	1.381	1.240	57	30	27
Ocupados	2.251	1.231	1.020	2.364	1.281	1.083	113	50	63
Desempregados	313	120	193	257	100	157	-56	-20	-36
Inativos maiores de 10 anos	1.646	615	1.031	1.704	629	1.076	58	14	45

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Nota: quaisquer pequenas diferenças nos dados apresentados devem-se a arredondamentos.

PERFIL DAS FAMÍLIAS DA RMBH ¹

01. Os dados da PED sugerem que famílias estão propensas a ser cada vez menores, visto a tendência de declínio do número médio de pessoas na família, o que se deve a alguns fatores como a retração do número médio de filhos, que em 2007-2008 foi de 1,3, além da maior proporção de famílias com filhos e sem cônjuge e de pessoas que moram sozinhas.
02. A família tradicional, composta por um casal, também denominada de família nuclear, ainda é a que prevalece na RMBH, correspondendo a 53,6% do total de famílias, sendo que o casal com filhos se encontra em maior proporção (42,4%) relativamente ao casal sem filhos (11,2%) (tab. 2).
03. As famílias monoparentais, aquelas cujos chefes não apresentam cônjuges, mas possuem filhos, equivalem a 15,4% do total de famílias, sendo que 13,7% apresentam chefia feminina, ao passo que as que detêm chefia masculina são de apenas 1,6%.
04. Em 2007-2008, 14,3% das pessoas moravam sozinhas na RMBH, sendo 7,6% sob chefia feminina e 6,7%, sob a masculina.
05. Os homens ainda predominam como chefes nas famílias nucleares com filhos (97,4 %), assim como nas famílias nucleares sem filhos (96,4%).²
06. No que se refere às famílias constituídas por chefes sem cônjuge com filhos, 89,0% detinham chefia feminina.

¹ A PED considera família os moradores de um mesmo domicílio, definidos pelas relações – nucleares (casal), primárias (pai, filho, irmão etc.) e/ou secundárias (tio, sobrinho, primos etc.) – que estabelecem entre si relações que podem ser de parentesco, afinidade ou de dependência social e econômica com o chefe de domicílio (definição autoclassificatória). É predominante a correspondência entre unidade familiar e domiciliar (cerca de 99,1% dos domicílios, no biênio 2007-2008 eram constituídos por uma só família).

² Todos os arranjos familiares analisados podem ou não ter parentes em sua constituição, com exceção das pessoas que moram sozinhas.

TABELA 2- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS, POR NÚMERO MÉDIO DE FILHOS, SEGUNDO TIPOS DE ARRANJOS FAMILIARES REGIÃO METROPOLITANA BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007-2008

(Em porcentagem)

TIPO DE FAMÍLIA	PROPORÇÃO DE FAMÍLIAS	NÚMERO MÉDIO DE FILHOS
Total	100,0	1,3
Casal com filhos	42,4	1,9
Chefia feminina	1,2	2,0
Chefia masculina	41,3	1,9
Casal sem filhos	11,2	-
Chefia feminina	0,4	-
Chefia masculina	10,8	-
Chefia com filhos sem cônjuge	15,4	1,8
Chefia feminina	13,7	1,8
Chefia masculina	1,6	1,7
Pessoas que moram sozinhas	14,3	-
Chefia feminina	7,6	-
Chefia masculina	6,7	-
Demais	16,7	1,3

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO ENQUANTO CHEFES E CÔNJUGES COM FILHOS PEQUENOS

07. Considerando as famílias nucleares com filhos, no biênio 2007-2008, a taxa de participação do cônjuge feminino foi de 57,9% e se mantém estável, independente do número de filhos: 58,0% para aquelas que possuem um filho e 57,9% para aquelas com dois filhos ou mais (tab. 3).

TABELA 3 - TAXAS DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES ENQUANTO CHEFES E CÔNJUGES, POR NÚMERO DE FILHOS E FAIXAS ETÁRIAS DO FILHO MAIS NOVO, SEGUNDO TIPOS DE FAMÍLIA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) – 2007-2008

(Em porcentagem)

CÔNJUGE E CHEFE (1)	NÚMERO DE FILHOS			FAIXA ETÁRIA DO FILHO MAIS NOVO			
	Total	1 filho	2 filhos ou mais	Total	até 1 ano	mais de 1 ano até 5 anos	6 anos ou mais
Casal com filhos							
Cônjuge	57,9	58,0	57,9	57,9	56,1	66,3	55,7
Chefia com filhos sem cônjuge							
Chefia	58,3	52,5	63,3	58,3	72,6	83,9	55,5

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

(1) Excluídas as mulheres enquanto chefes e cônjuges em famílias com outro parente e/ou agregado.

08. Nessas famílias, a taxa de participação dos cônjuges femininos é mais elevada quando a idade do caçula é maior que 1 ano até 5 anos (66,3%). No entanto, quando o caçula possui até 1 ano de idade ou possui mais de 5 anos, a taxa de participação é praticamente a mesma, correspondendo, respectivamente, a 56,1% e 55,7%.

09. As mulheres com filhos e sem cônjuge detêm maior taxa de participação (58,3%) que as mulheres nas demais categorias, praticamente em todas as faixas de idade e número de filhos, com exceção de quando

elas apresentam somente um filho, o que sugere a maior responsabilidade que lhe cabe no sustento da família, por ser ela muitas vezes a única provedora das necessidades básicas da mesma.

10. Visto a elevada taxa de participação das chefes de família sem cônjuge e das mulheres enquanto cônjuges, ambas com filho caçula com até cinco anos de idade, ressalta-se a necessidade de políticas públicas que garantam tranquilidade às mães, no sentido de fornecer a seus filhos o tratamento e cuidados adequados e educação infantil com qualidade.

A CONDIÇÃO DE ATIVIDADE DO CHEFE MASCULINO E A TAXA DE PARTICIPAÇÃO DO CÔNJUGE

11. A inserção das mulheres no mercado de trabalho enquanto cônjuges é maior nas famílias que possuem filhos (57,9%) do que nos casais sem filhos (55,3%), o que pode ser explicado pela necessidade de aumentar a renda da família (tab. 4).

TABELA 4 - TAXAS DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES ENQUANTO CÔNJUGES, POR CONDIÇÃO DE ATIVIDADE DO CHEFE, SEGUNDO TIPOS DE FAMÍLIA - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH)- 2007-2008

(Em porcentagem)

CÔNJUGE (1)	CONDIÇÃO DE ATIVIDADE DO CHEFE			
	Total	ocupado	desempregado	inativo
Cônjuge no casal com filhos	57,9	62,3	69,0	36,1
Cônjuge no casal sem filhos	55,3	69,8	(2)	20,7

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Diese/Seade/Sedese-MG

(1) Exclui os cônjuges femininos em famílias com outro parente e/ou agregado. (2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

12. Ao considerarmos as taxas de participação das mulheres enquanto cônjuges nos casais com filhos, percebe-se que elas se relacionam com a condição de atividade do marido. Caso os chefes estejam ocupados, a taxa de participação das esposas é de 62,3%, subindo para 69,0% se os mesmos ficarem desempregados, o que indica uma provável importância da família no que tange à decisão de inserção feminina no mercado de trabalho.
13. É interessante ressaltar o fato das mulheres na condição de cônjuges e que não possuem filhos apresentarem uma taxa de participação maior (69,8%), relativamente àquelas com filhos (62,3%), considerando os maridos ocupados, o que sugere que as mulheres têm ingressado no mercado de trabalho em função da procura por independência financeira e realização profissional.

POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO DAS MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA E CÔNJUGES

14. Entre as ocupadas, chefes e cônjuges, independentemente de terem ou não filhos, por volta de 30,0% estavam empregadas com carteira assinada no setor privado. Entre os cônjuges femininos sem filhos, este percentual elevou-se para 42,8%. Para aquelas com filhos, a segunda forma de inserção mais freqüente, era o trabalho autônomo (22,9%). Para as chefes sem cônjuge com filhos, era o emprego

doméstico (23,5%) e para as mulheres que moram sozinhas, na segunda posição, estava o emprego no setor público (21,9%). Entre as mulheres enquanto cônjuges sem filhos não houve uma segunda forma de inserção preponderante, sendo que tanto aquelas que trabalhavam como autônomas, como as empregadas domésticas ou as que tinham um emprego no setor público, representavam em torno de 15,0% destas mulheres (tab. 5).

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES OCUPADAS, ENQUANTO CHEFES E CÔNJUGES, POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO, SEGUNDO TIPOS DE ARRANJO FAMILIAR - REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 2007-2008
(Em percentagem)

CÔNJUGE E CHEFE	TOTAL	ASSALARIADAS					AUTÔNOMA	EMPREGADORA	EMPREGADA DOMÉSTICA	DEMAIS
		TOTAL	SETOR PRIVADO			SETOR PÚBLICO				
			Total	com carteira	sem carteira					
Cônjuge no casal com filhos	100,0	53,8	36,7	31,7	5,0	17,2	22,9	4,3	16,7	2,3
Cônjuge no casal sem filhos	100,0	63,4	48,4	42,8	5,6	15,0	14,7	(1)	14,8	(1)
Chefe sem cônjuge com filhos	100,0	52,0	33,8	28,7	5,1	18,2	19,5	(1)	23,5	(1)
Mulher que mora sozinha	100,0	58,3	36,3	30,6	(1)	21,9	18,7	(1)	16,5	(1)

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

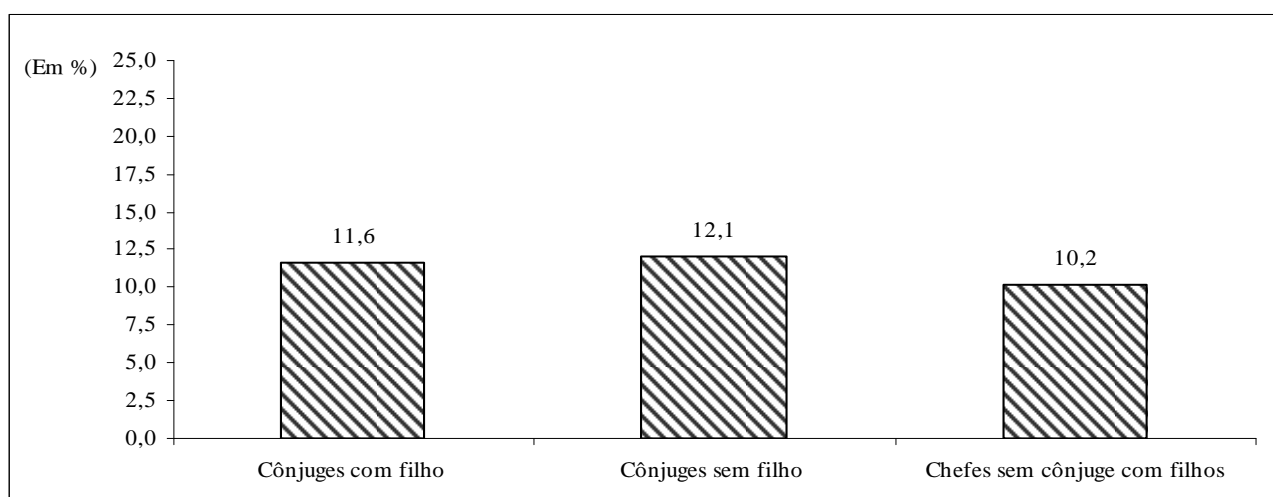
A TAXA DE DESEMPREGO DAS MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA E CÔNJUGES

15. A taxa de desemprego das mulheres na condição de cônjuges com filhos era de 11,6%, sendo que para aquelas cujo filho mais novo tinha até um ano foi de 18,1%, reduzindo-se para 17,3% no caso daquelas com filhos caçulas com mais de um ano até cinco anos, e para 8,5% quando o filho caçula tinha mais de cinco anos de idade. Nota-se, portanto, que embora filhos pequenos possam dificultar a mulher na hora de buscar uma ocupação, seja por restringir sua escolha de trabalho por um local mais próximo à sua residência e/ou por um tipo de jornada de trabalho menor ou mais flexível ou ainda, pelo lado do empregador, por preferir contratar mulheres que não possuam filhos menores, não a impedem de fazê-lo.

16. As mulheres enquanto cônjuges com um filho apresentavam taxa de desemprego maior (12,7%) do que aquelas com dois filhos ou mais (10,9%), o que poderia estar relacionado à idade e conseqüente acúmulo de experiência profissional. Já para as mulheres chefes sem maridos com filhos, a taxa era de 11,6%, quando tinham dois filhos ou mais, ao passo que quando tinham apenas um filho, a taxa era de 8,2%, sugerindo maior possibilidade de se dedicar à carreira. Embora para se analisar qualquer uma destas hipóteses sobre as diferenças nas taxas de desemprego seria necessário comparar profissionais com a mesma qualificação e experiência, o que ocorre também no caso das diferenças nos rendimentos auferidos.

17. No caso das mulheres enquanto cônjuges sem filhos, a taxa de desemprego observada foi de 12,1%, o que contraria a argumentação sobre as dificuldades das mulheres no mercado de trabalho devido à presença dos filhos e reforça a necessidade de agregar informações sobre o perfil profissional para averiguar as verdadeiras causas da maior ou menor propensão ao desemprego.

GRÁFICO 1 – TAXAS DE DESEMPREGO DAS MULHERES ENQUANTO CHEFES E CÔNJUGES, SEGUNDO TIPOS DE FAMÍLIAS REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 2007-2008



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

Nota: a amostra não comporta a desagregação para a categoria das mulheres que moram sozinhas.

OS RENDIMENTOS DAS MULHERES NA CONDIÇÃO DE CHEFES DE FAMÍLIA OU CÔNJUGES

18. Em termos de **rendimento médio individual por hora** do trabalho (tab. 6), os cônjuges femininos com filhos ganhavam R\$ 5,98. Para aquelas no casal sem filhos, o rendimento por hora era de R\$ 6,23, para as mulheres chefes com filhos e sem cônjuge era de R\$ 5,66, e finalmente, para as mulheres que moram sozinhas, era de R\$ 7,99.
19. As mulheres chefes com filhos e sem cônjuge recebiam o menor rendimento, apesar de registrarem uma das mais elevadas taxas de participação (58,3%) e a menor taxa de desemprego (10,2%). Essas características estão associadas, ao menos em parte, à maior responsabilidade no sustento familiar e às conseqüências de uma possível ausência de ocupação remunerada.
20. Em posição oposta estão as mulheres que moram sozinhas: seu rendimento médio é o mais elevado (R\$ 1.265) e sua taxa de participação, a menor (44,3%).
21. Sob a ótica de **renda familiar**, as famílias de mulheres chefes com filhos e sem cônjuge estavam em pior posição, apresentando o menor valor de rendimento *per capita* (R\$ 554). Em seguida, vieram as famílias nucleares com filhos, com rendimento *per capita* equivalente a R\$ 625. Já as famílias nucleares sem filhos registraram situação melhor (R\$ 994).

22. Analisando-se a **contribuição das mulheres na condição de cônjuges na renda familiar total**, percebe-se que é maior a sua participação no sustento familiar nas famílias nucleares sem filhos (30,6%) do que nas famílias nucleares com filhos (23,1%). Os filhos, neste caso, têm uma participação de 14,1% na renda familiar. Quanto às famílias de mulheres chefes sem cônjuge com filhos, elas se responsabilizavam por 59,9% da renda familiar e os seus filhos por 40,1%.

TABELA 6 – RENDIMENTO MÉDIO REAL POR HORA NO TRABALHO PRINCIPAL DAS OCUPADAS (1), RENDA FAMILIAR TOTAL E PER CAPITA, SEGUNDO TIPOS DE ARRANJO FAMILIAR REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH) - 2007-2008

CÔNJUGE E CHEFE	RENDIMENTO MÉDIO REAL POR HORA DO TRABALHO PRINCIPAL DAS OCUPADAS (2) (3)	RENDIMENTO MÉDIO REAL FAMILIAR TOTAL (4)	RENDIMENTO MÉDIO REAL FAMILIAR PER CAPITA (5)
Cônjuge no casal com filhos	5,98	2.307	625
Cônjuge no casal sem filhos	6,23	1.988	994
Chefe sem cônjuge com filhos	5,66	1.403	554
Mulher que mora sozinha	7,99	1.070	1.070

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (PED/RMBH). Convênio FJP/Dieese/Seade/Sedese-MG

(1) Inflator utilizado: IPCA-BH (Ipead). Valores em reais de novembro de 2008. (2) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício. (3) Exclusive os ocupados que não trabalharam na semana. (4) O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias ou pensões, do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. (5) O rendimento familiar *per capita* corresponde ao rendimento familiar total dividido pelo tamanho da família, definido pelo total de indivíduos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

23. Segundo os **grupos de rendimento médio familiar per capita**, no estrato dos 10% mais pobres, as famílias com chefia masculina com filhos representavam 47,3%, as famílias com chefias femininas com filhos e sem cônjuges, 34,7% e as mulheres que moram sozinhas, 13,4%. No estrato dos 10% mais ricos, as famílias nucleares com filhos representavam 39,7% deste grupo, as famílias nucleares sem filhos, 26,0% e as mulheres que moram sozinhas, 21,8%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2008 apresentou alguns resultados positivos em relação à diminuição das disparidades entre mulheres e homens no mercado de trabalho. Primeiramente, observou-se redução acentuada do desemprego feminino, em intensidade ligeiramente maior que a masculina (20,1% e 19,1%, respectivamente). Em segundo lugar (e em parte devido às diferentes evoluções do desemprego), constatou-se que os novos postos de trabalho gerados foram mais preenchidos por mulheres (63 mil) que por homens (50 mil). Apesar desses resultados, persistem diferenças expressivas nas relações de gênero, pela análise dos principais indicadores em 2008: as taxas de desemprego totais continuam mais elevadas para mulheres (12,7%) do que para os homens (7,2%) e, entre os ocupados, o rendimento real médio por hora trabalhada das mulheres ainda é menor e corresponde a apenas 74,9% da renda obtida pelos homens.

O crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho provavelmente está relacionado com o aumento da importância dada à carreira profissional e ao crescimento do seu papel no meio doméstico, seja enquanto cônjuge do chefe, em uma família nuclear, seja como chefe, em uma família sem cônjuge e com filhos. Um dos maiores desafios colocados hoje às famílias é conciliar o tempo dedicado ao trabalho e às questões do lar. Por isso, esse estudo também procurou mostrar as relações existentes entre a inserção feminina no mercado de trabalho e na família.

Em síntese, nas famílias nucleares foram observados os seguintes aspectos na inserção das mulheres enquanto cônjuges no mercado de trabalho:

- a taxa de participação das mulheres com filhos (57,9%) era superior à das que não tinham filhos (55,3%); quando os maridos estavam ocupados, a participação daquelas com filhos subia para 62,3% e daquelas sem filhos para 69,8%. Para os cônjuges com filhos, quando o chefe se encontrava desempregado, a sua taxa de participação subia para 69,0%, como já esperado;
- a taxa de desemprego daquelas que têm filhos (11,6%) era menor do que para as que não possuíam filhos (12,1%);
- o rendimento por hora trabalhada era maior entre as mulheres sem filhos (R\$ 6,23). Para aquelas com filhos era de R\$ 5,98;
- a contribuição para a renda familiar das mulheres com filhos equivalia a 36,8% à do chefe da família. Para as mulheres sem filhos este percentual subia para 44,1%.

O percentual das mulheres chefes com filhos e sem cônjuge que se encontravam inseridas na força de trabalho da região metropolitana foi o maior registrado (58,3%), o que poderia ser explicado pela responsabilidade em sustentar a família. Neste caso, as mães contribuíam com 59,9% para a renda familiar, enquanto os filhos com 40,1%.

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Metodologia:

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados/Seade/Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos/Dieese

Apoio:

Ministério do Trabalho e Emprego - MTE/ Fundo do Amparo ao Trabalhador – FAT

Regiões Metropolitanas

Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de Minas Gerais – Sedese – Sine/MG; Fundação João Pinheiro – FJP.

Distrito Federal: Secretaria de Estado do Trabalho do Distrito Federal; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese.

Porto Alegre: Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social do Estado do Rio Grande do Sul; Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul; Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – FGTAS/Sine-RS; Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – FEE; Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Recife: Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania do Estado de Pernambuco/Agência do Trabalho; Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Município do Recife; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese.

Salvador: Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia – Setre; Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia – Seplan; Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI; Universidade Federal da Bahia – UFBA; Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese.

São Paulo: Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo – SEP; Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo – SERT; Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade.